

Bem-vindos à tribo do MOTELX

P publico.pt/2019/09/10/culturaipilon/noticia/bemvindos-tribo-motelx-1886004

Jorge Mourinha Sofia Matos Silva Hyun Young Yi Sangmi Cha Cláudia Alpendre Marques Natália Faria, José Alves Joana Amaral Cardoso Daniel Dias P3 Mariana Oliveira André Borges Vieira



Talvez a melhor maneira de definir o lugar que o MOTELX já conquistou entre a multiplicidade de festivais de cinema que actualmente pululam em Portugal seja chamar-lhe “aldeia gaulesa”. Sim, como a do Astérix, que resiste ainda e sempre ao invasor. O que pode parecer algo pateta, tendo em conta que se há género que nunca teve problemas de sobrevivência foi o cinema de terror (ainda hoje, parece ser o único capaz de resistir à monocultura dos super-heróis). Mas a verdade é que faz sentido falar de “aldeia gaulesa”, até porque o MOTELX tem tido uma invejável consistência e uma igualmente invejável solidez de audiência, com uma média de 17 mil espectadores (mais cem menos cem) entre 2015 e 2018.

Também por isso, a metáfora da aldeia gaulesa encaixa na perfeição na ideia de família, de tribo, de resistência, que reverbera de maneira inesperada na 13.ª edição, que decorre como sempre no Cinema São Jorge, desta terça-feira, dia 10, até ao próximo domingo, 15. Começa logo na abertura oficial com *Ma*, de Tate Taylor (terça-feira, às 21h10; quarta-feira, às 16h55), onde Octavia Spencer se torna “fada-madrinha” (sublinhemos o “madrinha”) de um grupo de adolescentes em busca de um lugar só seu. E segue pelos dois filmes-âncora do cartaz de 2019, *Bacurau*, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, e *Midsommar – O Ritual*, de Ari Aster, que não vêm forçosamente do cinema de género mas também não enjeitam a sua herança. Em *Bacurau* (terça-feira, às

18h e às 21h20), a aldeia perdida no sertão pernambucano que lhe dá título, e onde tudo se passa, é verdadeiramente a aldeia gaulesa feita corpo (com direito a poção mágica e tudo), num filme que assume a sua dívida para com o *western-spaghetti* e os apocalipses do cinema australiano dos anos 1970, Steven Spielberg e John Carpenter, *Mad Max* e Sergio Corbucci. *Midsommar* (sexta-feira, às 21h), filmado com uma solenidade entomológica e laboratorial, pinta uma remota comuna sueca como uma aldeia familiar, tribal, perdida no tempo, cujos valores parecem ser ao mesmo tempo ancestrais e modernos, alienígenas e humanos. São filmes que resistem a ser arrumados ou etiquetados numa gaveta simples – com vantagem (em nossa opinião) para o tarantiniano *Bacurau* (cuja estreia comercial em Portugal ainda está pendente de confirmação) do que para o esteta *Midsommar* (nas salas a partir de dia 26).

Midsommar leva-nos ao *folk horror*, a integração de práticas pagãs ou ancestrais que clássicos como *O Sacrifício* introduziram e do qual os espantosos *A Bruxa*, de Robert Eggers, ou *Uma Lista a Abater*, de Ben Wheatley, se tornaram faróis recentes. Será esse o tema de um debate entre o realizador de *Midsommar*, Ari Aster, e o escritor Howard Ingham, sob os auspícios do Miskatonic Institute of Horror Studies, colectivo de académicos e estudiosos do género (domingo, às 17h30), numa das múltiplas actividades paralelas do evento. Entre elas está igualmente a vinda a Portugal do actor Jack Taylor, regular companheiro do mestre espanhol do trash Jesús Franco (1930-2013). O americano será homenageado na sexta-feira, dia 13, às 19h, com a exibição de uma curta documental, *Testigo del Fantastico*, e de *Necronomicon* (1968), que Franco filmou em Portugal com Taylor no papel principal (e Karl Lagerfeld numa presença passageira).



Mas o MOTELX também continua a incentivar a produção de cinema fantástico em Portugal. Para lá dos dez títulos a concurso na competição de curtas-metragens portuguesas, há um filme nacional entre as oito obras seleccionadas para a competição de melhor longa-metragem de terror europeia, *Faz-me Companhia*, de Gonçalo Almeida (sábado, às 18h30), cujo *Thursday Night* venceu o concurso de curtas em 2017. E o festival continua a “descobrir” filmes portugueses esquecidos ou perdidos que fazem tangentes ao género – este ano, com a média-metragem que o artista plástico Luís Noronha da

Costa realizou em 1978, *O Construtor de Anjos* (sábado, às 17h40), e com a primeira longa de Raquel Freire, *Rasganço* (2001), um militante drama anti-praxe e #MeToo *avant la lettre* (domingo, às 17h).



Na mesma linhagem inscreve-se a Carta Branca dada a João Pedro Rodrigues no âmbito do 20.º aniversário da Agência da Curta-Metragem, um programa que está a percorrer os vários festivais portugueses. O realizador de *O Ornitólogo* escolheu um leque de curtas-metragens nacionais que evocam o género sem nunca o assumirem a cem por cento, como “contos do imprevisto” que o formato permite. A sessão, a decorrer na quarta-feira, às 19h20, junta títulos de Jorge Silva Melo (*A Felicidade*), Mariana Gaivão (*Solo*) e Pedro Maia (*Plant in My Head*), e de dois cineastas infelizmente já desaparecidos, Alberto Seixas Santos (*A Rapariga da Mão Morta*) e Pedro Fortes (*A Rapariga no Espelho*).

Voltemos à “aldeia gaulesa”, ao tribalismo, à recusa das limitações do género que percorre a programação: é isso que explica a passagem pelo festival de dois títulos que insistem na dimensão “provinciana”, ensimesmada, de “bolhas” pessoais. Jonas Åkerlund, que dirigiu telediscos de Madonna e Prodigy mas também foi baterista dos Bathory, reconstitui o universo insular da tribo do black metal norueguês dos anos 1990 em *Lords of Chaos* (sexta-feira, às 15h50), ou como a amizade entre dois putos rebeldes noruegueses (Rory Culkin e Emory Cohen) e a sua vontade de desestabilizar da pacata

Escandinávia descamba numa espiral de rivalidades macabras. E, naquele que é certamente o mais perturbante de todos os filmes que o MOTELX vai exhibir este ano (a estreia comercial nas salas portuguesas será depois em Outubro), Fatih Akin reconstitui ao ponto de quase o podermos cheirar o *Lumpenproletariat* do bairro de Sankt Pauli, na Hamburgo dos anos 1970, para contar os verídicos e hediondos crimes do *serial killer* misógino Fritz Honka. *O Bar Luva Dourada* (quinta-feira, às 21h35) é um *grand-guignol* violento e mal-disposto no cruzamento improvável entre Fassbinder e Von Trier, uma experiência que não se recomenda a espectadores sensíveis. É uma bomba de fragmentação que faz detonar toda a correcção política dos debates sociais contemporâneos com uma única constatação: o mal existe. Sem precisar de fantasmas, vampiros, demónios ou alienígenas. A entrada é por aqui e a tribo está à vossa espera.

O programa completo pode ser consultado em www.motelx.org